

## #11 A Operação da Origem Dependente – RI 2020

Lama Padma Samten

<inserir o local e a data>

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #11

*Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.*

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email [repositorio.transcricoes@gmail.com](mailto:repositorio.transcricoes@gmail.com).

### A Operação da Origem Dependente

---

Eu acho interessante olharmos em detalhe os doze elos da originação dependente. Olhar a originação dependente, e olhar os doze elos.

A seguir nós vamos entrar no estudo dos doze elos, especificamente.

Então, nós vamos olhando isso, eu acho que é crucial que nós não tomemos isso como informação, que nós contemplemos esse ponto. Se nós não contemplarmos, nós vamos perder isso, nós vamos perder essa capacidade de reconhecer como que o samsara vai surgindo, precisamos olhar esses aspectos. Essa contemplação, ela pode ser feita de um modo espontâneo, mas ela pode ser feita de um modo sistemático, em retiro. Eu acho melhor se a pessoa tiver essa oportunidade, que os praticantes aproveitem o tempo em retiro para olhar isso. Eu acho essas visões muito perturbadoras para nós lidarmos com elas em meio ao nosso funcionamento usual, eu acho difícil. Porque a pessoa por meio hora olha aquilo, daqui a pouco tem um filho que chama, nós corremos lá, nós não sabemos o que é aquela criança, o que é que aquele ser. Porque quando nós começamos a olhar assim, isso é muito amplo, ele nos tira o aspecto prático, então essa é a razão de entrar em retiro. Porque o nosso aspecto prático fica muito simples: nós vamos lá, comemos, arrumamos o que precisamos arrumar, voltamos e seguimos naquele espaço onde isso é relevante. Mas se nós tivermos que desempenhar muitas tarefas práticas fica estranho, fica um pouco difícil. Eu lembro de entrar em retiro e depois pegar o carro e dirigir, não é muito bom. Porque eu me vi dirigindo [postura de estar dirigindo] e Ops! Aí eu ficava muito mais lento para qualquer coisa que eu tinha que fazer. Quando você está dirigindo você está ali é tudo muito real e você está assim [postura de estar dirigindo]: “aí você olha, se os Budas isso e aquilo”... Fica com uma cara meio estranha, você leva mais tempo, duas ou três vezes mais tempo para te dar conta onde que você está andando, isso é perigoso. Se vocês me veem dirigindo sai de perto!

Por outro lado, se perder a oportunidade de contemplar a multiplicidade das inteligências búdicas e o jeito de como o samsara todo se entrelaça não vai dar certo, vai ficar faltando isso. Nós chegamos lá, está lá o Buda na entrada do céu búdico e diz:

Buda: “E aí, você meditou, contemplou?”

Você diz: “sim, sim”,

Buda: “E aí, como é que é o samsara?”

Você: “O samsara é assim... Essa parte eu perdi, só faltou esse pedaço”

Buda: “Então volta, não tem como entrar”.

Em toda Mandala dos Budas, das inteligências búdicas têm os guardiões das portas. He! Não tem como cruzar, não tendo olhado aquilo direito, não tem como passar. Não é uma prova tipo, exame de certo ou errado, não é assim. Quanto tu olhas aí tu vais nessa direção, é tudo livre. Aí tu vais nessa direção e dá certo, só que aquela não era a direção, só isso. Aí tudo aparece: “agora você faça e ande para onde você quiser”. A pessoa toma as visões erradas e segue na direção errada, não tem um julgamento e não tem condenação, é só isso. O que está acontecendo desde sempre conosco? Nós sempre estamos pegando a direção errada, é só isso. Nós estamos na beira do céu dos budas e nós não conseguimos atravessar a porta. Porquê? Porque nós sempre fazemos o que não é para fazer, mas não tem uma regra do que seja para fazer, a regra é ter lucidez diante das aparências. Aí brotam os impulsos nós simplesmente fazemos de forma natural o que nós sentimos que é para fazer, por isso que vida após vida nós estamos onde nós estamos.

É importante que nós contemplemos isso, nós voltamos assim: Motivação, Shamata Impura, Shamata Pura, Metabavana. Aí, Dukkha, primeira nobre verdade, segunda nobre verdade, como é que as inteligências búdicas todas se entrelaçam, como é que isso acontece assim.

Neste momento vamos examinar o aspecto da originação dependente. Essa expressão “originação dependente” ela é super precisa, mas ela não é muito gloriosa, acho que se a expressão fosse: “a gloriosa e luminosa originação de todas as (...)”. Tinha que colocar um nome pomposo, mas “originação dependente?”, não chama muita atenção. Mas a luminosidade da mente ela pode, como por exemplo a inteligência búdica, a inteligência de Chenrezig, vamos supor, então o Buda primordial ele manifesta a inteligência búdica e pronto. Ele manifesta a inteligência compassiva de Chenrezig e pronto, então eu não preciso ter uma razão causal para o surgimento da compaixão.

Nós vimos na segunda guerra mundial as atrocidades todas, as pessoas são capazes de matar em série, seguiu matando e matando, desaparecendo os corpos na fumaça, cremando aquilo, uma coisa horrenda. E ao mesmo tempo, a pessoa no horário de intervalo, ele escuta música clássica, conversa com as crianças, com os filhos, segue vida normal e volta:

- P1: “Já tô indo, hoje vou matar mais uns 300 e queimar.”

- P2: “Ah tá, boa sorte, que tudo dê certo pra você hoje!”

- P2: “E aí, matou?”

- P1: “Ah, matamos eles!”

- P2: “E como é que é a cara deles?”

- P1: “Ah! É tudo igual.”
- P2: “Quem são essas pessoas?”
- P1: “Aquilo nem é pessoa, aquilo é nada!”
- P2: “E amanhã o que tu vais fazer?”
- P1: “Amanhã acho que vou matar uns 300 ou 500, tudo bem.”

Eu acho que eles não conversavam assim, mas podiam até conversar assim, uma coisa horrível, um absurdo. Mas vocês vejam o que é que é o surgimento causal desse tipo de mente. É uma construção, a pessoa produz isso. Mas ainda que ela faça isso, a natureza dela é livre, ela poderia ter feito outras coisas. Os seres dos infernos no budismo são vistos como os seres que têm a natureza búdica, por espantoso que isso possa parecer. Não existe o centro do mal, mas espantosamente as pessoas por origem dependente, elas podem terminar construindo inteligências desse tipo. Nós temos as inteligências que surgem livres, como a inteligência da compaixão, o Buda vai gerar Chenrezig, que é uma inteligência livre, compassiva. Se nós perguntarmos para Chenrezig: “você manifesta compaixão por causa do sofrimento?”, a resposta seria: “não”. Ele manifesta compaixão. A mente é livre, ela pode manifestar isso. Nós podíamos pensar: se surgir um sofrimento muito, muito, muito intenso, disso brota compaixão, mas não necessariamente. Como eu estava trazendo esse exemplo, as pessoas são capazes de matar em série e não gerar compaixão. Isso é um espanto! Como eles podem fazer isso? Eles talvez tenham dó do espinho na pata do cachorro em casa, mas não tenham dó das pessoas que eles estão matando.

Eu não vou dizer que é exatamente o que está acontecendo, mas essa insensibilidade à dor das pessoas é uma coisa que nós podemos notar hoje, nesse tempo que nós estamos vivendo. Então nós temos sofrimentos para muitos lados, muitos sofrimentos grandes, mas o fato de haver o sofrimento não garante o surgimento de Chenrezig. O surgimento de Chenrezig vem da mente livre. Por exemplo, quando nós estamos com a mente presa dentro de um ambiente de sofrimento, nós estamos com uma espada na mão matando as pessoas. Isso é a guerra! As pessoas fazem muitas atrocidades, eu fico admirado. Por exemplo, uma guerra mundial em que morreram milhões de pessoas, morreram matadas. Morreram mais civis do que militares na segunda guerra mundial, e morreu um monte de militares. Aquelas pessoas morreram dentro desse ambiente todo. Ainda assim, elas morreram de forma matada, mas quem é que vai ser responsabilizado por isso? Se houve tanta morte, houve muitos crimes, vamos dizer assim, mas aquilo puff! Desaparece, encerra a guerra, acabou. Porquê? Porque tem um senso comum de que a guerra é um tipo de loucura. Aquilo acabou, acabou. Tá certo que ainda hoje tem criminosos de guerra que vão sendo procurados, encontrados etc. Mas se nós formos olhar, todo mundo virou criminoso de guerra de algum jeito. A pessoa está com uma arma na mão, atirando, está matando, nem sabe porque está matando, está obedecendo ordens e seguindo aquilo. Aquilo é um tipo de loucura assim que acontece na mente das pessoas.

Quando nós olhamos desse modo, nós vemos que mesmo que haja essa barbárie uma ou outra pessoa vai manifestar compaixão no meio disso, uma ou outra. Essa capacidade de manifestar compaixão é uma capacidade de se retirar do teatro, do jogo correspondente à guerra, e olhar distanciado. A pessoa disse: “que absurdo! Isso não deveria estar acontecendo”. Se durante o período da guerra a pessoa se levantar e promover a paz, e

promover o fim daquilo e chamar aquilo de um absurdo, ela provavelmente vai ser presa. A palavra mais desmobilizadora, para usar a linguagem da guerra, é promover a paz no período de guerra. Em período de guerra você tem que liquidar com o inimigo. Quando você usa a inteligência condicionada a esses referenciais, todas as ações agressivas parecem naturais. Isso é uma originação dependente. A mente livre está operando segundo um conjunto estruturado de referenciais. A mente livre operando na dependência de um conjunto estruturado de referenciais, ela promove o reino dos infernos facilmente, por mais horrível e horrendo que aquilo seja. Quando cessa aquele cenário, por mágica que faz *plim!* a originação dependente toma outro cenário e começa a gerar outros movimentos, é assim.

A originação dependente, ela cria universos luminosos a partir de cenários também luminosos, conjuntos de referenciais também luminosos. Agora, as inteligências búdicas, elas operam de modo direto sem os cenários. Elas operam de forma livre, elas estão livres dos cenários, elas se manifestam dentro dos cenários, mas livres dos cenários. A compaixão, amor, alegria, equanimidade, generosidade, moralidade, paz, energia constante, concentração, sabedoria, as cinco sabedorias, elas não precisam de um cenário, elas não surgem por originação dependente, elas surgem como expressão da natureza búdica livre da mente primordial, não condicionada.

Quando nós dizemos: “Os aspectos construídos se dissolvem no espaço básico”, nós estamos tentando entrar nessa região, esse é o Buda da Medicina, por isso que ele cura tudo. Essa é a transmissão do Buda da Medicina, nós olhamos de forma livre. A partir disso, tudo o que nós olharmos se revela na sua construção. E o que é a sua construção? É a natureza luminosa operando sob condições. O samsara inteiro é originado desse modo, através da originação dependente.

Um exemplo claro da originação dependente é o tricô ou crochê. A pessoa tem um fiozinho, ela dá uma laçada, todo o resto do crochê vai depender daquela primeira laçada. Daquela primeira laçada você faz a segunda, da segunda a terceira e aí vai indo, e depois das que foram feitas, tu usas como base para fazer as seguintes. Aquilo é sem fim, do mesmo modo o tricô, do mesmo modo a rede de pesca. Essa construção toda, mesmo na tradição pre-budista é chamada a rede de Indra, isso é o samsara, a teia de Maia, vai tup, tup, tup (gesto de costura). Quando as pessoas se defrontam com aquilo, a operação da mente delas se dá a partir da teia que elas já encontraram, elas vão indo.

Essa originação dependente, o Buda descreve em doze etapas complexas. Porque ele vai descrevendo os processos internos, como é que nós estamos operando. Nesse tempo de agora, nós estamos operando em doze camadas. Nós podemos adivinhar um tempo em que não tinha doze camadas, tinha menos camadas, agora nós temos um tempo com doze camadas.